

BRINQUEDOTECA: ESPAÇO DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES

Eliana Maria Magnani*

Maria Inês Flores Refosco**

Nelca Hilda Sperb Pegoraro**

Raquel Chiara Hillebrand**

Solange Terezinha da Silva**

RESUMO: Este trabalho revela o processo de formação, de educadore(a)s brinquedistas, desde a universidade até o momento em que atuam como profissionais, numa instituição assistencial conhecida como “Casa de Maria”, a qual abriga, no contraturno, 370 meninas de sete a dezessete anos de idade, encaminhadas pelo Ministério Público ou pela própria comunidade. Esta instituição tem como proposta oferecer às meninas várias atividades dirigidas, como: corte e costura, pintura, música, dança, informática etc. A finalidade é contribuir para o desenvolvimento dessas meninas, suprimindo algumas necessidades individuais e sociais. Entretanto, estudos revelam que as atividades livres também são necessárias, pois contribuem para a resolução de conflitos ocasionados por diferentes fatores: internos e externos de cada indivíduo e, que precisam de espaço para serem manifestados e trabalhados. Devido a isso, a universidade implantou na “Casa” uma brinquedoteca, espaço destinado à brincadeira espontânea, onde as crianças podem brincar do que e como querem. As brincadeiras são organizadas em cantos, através dos mais variados jogos (faz-de-conta, regras, motor...). Enquanto as meninas brincam, as educadoras podem, quando solicitadas, entrarem na brincadeira, observar e/ou anotar as necessidades de cada criança/jovem para, posteriormente, atendê-las. Para isso, as educadoras recebem orientação de um grupo de pessoas que atuam num projeto do curso de Pedagogia, “Laboratório de Aprendizagem: Brinquedoteca”, da Universidade Paranaense. Esse projeto oferece a toda a equipe da “Casa de Maria”, em especial às pedagogas, um acompanhamento psicopedagógico, a partir de estudos teórico-prático sobre a importância do brincar/jogar, para o desenvolvimento e para a aprendizagem da criança/jovem/adulto. Até o momento é possível dizer-se que a formação dos educadores/brinquedistas é um processo longo e complexo e os mesmos precisam (re) aprender a brincar/jogar, com acompanhamento constante de profissionais especializados. Desta forma, poderão (re)ver as suas práticas e finalmente contribuir com mudanças significativas em qualquer contexto.

PALAVRAS-CHAVE: brinquedoteca; formação; educadores; aprendizagem.

* Profª/UNIPAR-Universidade Paranaense – Toledo. PR. Brasil.

** Acadêmicas do curso de Pedagogia - Universidade Paranaense – UNIPAR. Toledo. PR.

Endereço: Av. Parigot de Souza, 3636, Jardim Prada - Toledo - Paraná Brasil, 85903170

TOY LIBRARIES: SPACE OF FORMATION OF EDUCATORS.

ABSTRACT: This search shows the process of formation of educators that works the method of fun learning in graduation until moment that works as professional in the assistance institution as “Home of Mary” that cover 370 girls of seven until seventeen years old, send for the Public Prosecutor or for the community. This institution has proposed to offer to girls many activities as: course of dress-making, painting, music, dance, informatics and others. The execution of service contributes with development of girls all time that remedy the individual and social necessity. However study reveal that free activities also are need because contribute as resolution of conflict occasioned for the different internal and external factors of each person, that need of space to be manifested and worked. For this, the university implanted in the “Home” the toy libraries, space determined to spontaneous fun, that the children can play as they want. The fun is organized in corner through of more varied games. In the same time the girls plays the educators can when called to enter in the fun or to observe and note the necessity of child then to attend. “Laboratory of learning: Toy libraries”, of Paranaense University offers to all group of “Home of Mary” in special the students of pedagogy, an accompaniment psychopedagogic, then study theory and practice about the importance of playing, to the development and learning of child/young/adult. For the development at moment is possible saying the formation of educators is complex process that all need to learn again to play together with accompaniment of specialized professionals. In this form are possible review practices and contributing significant changes.

KEY WORDS: formation; toy libraries; educators.

Introdução

O presente trabalho procura demonstrar o processo de formação de um grupo de educadoras/brinquedistas realizado, inicialmente, como acadêmicas do curso de Pedagogia da Universidade Paranaense e, posteriormente, como funcionárias (pedagogas) de uma instituição assistencial, “Casa de Maria”. Isto ocorreu em função da implantação de um espaço denominado de brinquedoteca organizado em setembro/2002, o qual visa atingir aos seguintes objetivos: possibilitar à criança/adolescente o acesso a diferentes jogos e brinquedos; propiciar a imaginação e a criatividade; desenvolver a cooperação, a socialização e a interação entre as crianças e os adultos; enriquecer as relações familiares; resgatar as brincadeiras tradicionais; introduzir o jogar/brincar no contexto familiar; oferecer, aos acadêmicos da UNIPAR, um local para estágio; atender às escolas/creches do bairro e outros.

A metodologia proposta está sendo desenvolvida em etapas e revista constantemente, quais sejam: estudo (pelo menos duas horas por mês, com toda equipe de funcionários e duas horas semanais com as pedagogas, algumas delas já haviam participado do curso “formação de brinquedista”, como acadêmicas da UNIPAR) sobre a importância do jogar/brincar para o desenvolvimento biopsico-social da criança/adolescente; levantamento das necessidades individuais e sociais das crianças/adolescentes; seleção de materiais, jogos e brinquedos; organização dos espaços lúdicos; desenvolvimento de atividades com as crianças/adolescentes; reflexão sobre o trabalho desenvolvido; possíveis adaptações; atividades com os pais; *feedback* dos envolvidos (funcionários, estagiários, crianças e pais).

Os resultados alcançados, até o momento, demonstram que o brincar precisa ser incentivado, explorado e ensinado e que, apesar das conquistas, as pessoas, de um modo geral, desconhecem a importância do brincar/jogar para o desenvolvimento dos aspectos emocional, social e cognitivo das crianças/jovens/adultos. Portanto, acredita-se que é necessário investir mais em estudos e pesquisas, a fim de ampliar e divulgar novos resultados que possam contribuir com a práxis do educador em qualquer contexto.

Brinquedoteca: Necessidade e Importância

A Casa de Maria – Assistência à Menina, é uma organização não governamental, filantrópica e cristã, afiliada ao Centro assistencial da Diocese de Toledo. Desenvolve diariamente programa de enfrentamento da pobreza, em caráter supletivo, de meninas e adolescentes de 7 a 17 anos, provenientes de famílias em estado de necessidade. Os fatores de vulnerabilidade impostos a estas crianças e adolescentes colocam-nas em situação de risco pessoal e social, fazendo-as vítimas de abusos, negligências e maus-tratos familiares e institucionais, vivenciando situações de rua, de exploração sexual e do trabalho, do uso e tráfico de drogas, da evasão escolar, da discriminação social, dentre outros fatores degradantes à infância e à adolescência.

Estes fatores ocorrem devido à desigualdade estrutural brasileira que está determinada, não só pelas relações de dominação entre as classes sociais, mas também pelas relações de dominação de gênero e raça. O autoritarismo aparece claramente na relação adulto/criança, homem/mulher, recaindo principalmente sobre a menina, altamente afetada pela situação de pobreza e opressão, permanecendo vulnerável a situações de marginalização social, relacionadas a maus-tratos, violências físicas, psicológicas e sexuais.

Dentro deste contexto, vários são os motivos que levam as crianças e as adolescentes a um processo educativo alienatório e estanque, distanciando-as de uma educação em que prevaleça o amor e a liberdade, possibilitando-lhes um

desenvolvimento harmonioso e sadio. Atualmente, as facilidades encontradas para que tais fatos ocorram são inúmeras: situação econômica precária e falta de acompanhamento dos familiares; uma mídia que não investe em programas educativos; descaso dos órgãos competentes quanto ao oferecimento de atividades educacionais extra-escolares; a prestação de “des-serviços” educativos como disque erótico, filmes pornográficos; a proliferação de bares e danceterias, de motéis etc.

Quantas crianças e adolescentes, em idade escolar, deixam de estudar ou de ter uma educação condizente com suas necessidades por ficarem na rua enquanto os pais trabalham ou por terem filhos muito cedo e/ou porque têm que cuidar de todos os afazeres domésticos.

O município de Toledo, no oeste do Paraná, não foge a esta realidade brasileira. Famílias oriundas do meio rural (vieram) vêm para a cidade em busca de emprego e acumula(ra)m-se nas periferias sobrevivendo da quase extinta mão-de-obra de “bóias-fria” e de serviços gerais ocorrentes esporadicamente, por isso, enfrentam uma luta constante para a sobrevivência.

Muitas destas famílias, em situação de pobreza, recorrem à Casa de Maria, entidade executora das ações voltadas à proteção social infanto-juvenil, em busca de auxílio no processo educativo de suas meninas. Outras vezes, as meninas são encaminhadas pela escola, pelo Ministério Público ou pela própria comunidade.

A fim de motivar a prevenção dos problemas mencionados, a Casa de Maria, situada na periferia desta cidade, numa de suas regiões mais pobres, apresenta-se como um espaço institucionalizado, sadio e acolhedor. Tem como proposta o atendimento a 370 meninas e familiares em estado de pobreza, garantindo-lhes acesso à escola e, no período complementar, à participação em atividades educacionais, espirituais, lúdicas, de iniciação profissional, de saúde, esportivas, de lazer e de habilidades para a vida em sociedade.

A prestação de tais serviços contribui para o desenvolvimento integral dessas meninas, pois faz com que assumam novas responsabilidades, novos projetos de vida, tirando-as da margem da sociedade. Entretanto, por assumirem responsabilidades muito cedo, acabam deixando de ser crianças e conseqüentemente de viver experiências que as ajudariam a amadurecer emocionalmente e de aprender a conviver de uma forma mais enriquecedora.

Devido a isso, a Universidade Paranaense – UNIPAR/Toledo, por intermédio do “Laboratório de Aprendizagem”, implantou na “Casa” um espaço de brincadeiras livres, no qual as meninas possam conhecer-se como pessoas, saber de suas possibilidades e limitações, desbloquear seus traumas e resistências. Brincar fornece a oportunidade de resolver as frustrações e é por isso altamente terapêutico. Ao brincar com os outros, as crianças aprendem a partilhar, a dar, a tomar, a cooperar, enfim, desenvolvem a autoconfiança que, por sua vez, é essencial para o desenvolvimento posterior em todas as áreas.

A idéia deste espaço nasceu em Los Angeles (E U A), em torno de 1934, para tentar resolver o problema das crianças de uma escola que roubaram brinquedos de uma loja próxima. Porém, foi na Suécia, em 1963, que a idéia foi desenvolvida e expandida por duas professoras, mães de crianças excepcionais. Conforme Negrini (1994), inicialmente este espaço tinha como objetivo emprestar brinquedos, por isso ficou conhecido como brinquedoteca. Após algum tempo, passou a assumir várias funções: pedagógica, social, comunitária, de comunicação familiar, de animador de bairro etc.

A função pedagógica permite oferecer a possibilidade de seleção entre “bons” brinquedos, de qualidade e, portanto, aqueles que favoreçam ao desenvolvimento das crianças em todos os aspectos. A função social deve possibilitar que as crianças, procedentes de famílias economicamente menos favorecidas, possam jogar com os brinquedos, os quais, por seu elevado preço, elas não têm acesso. A função comunitária tem por função permitir que as crianças, jogando em grupo, aprendam a respeitar, a ajudar e a receber ajuda, a cooperar e a compreender os demais. A função de comunicação familiar pode ser contemplada no momento em que seja reanimado o jogo no seio das famílias. Por isso, a função de animador de bairro configura-se, porque a brinquedoteca pode chegar a ser um centro de bairro, onde grandes e pequenos se encontram, onde as crianças fazem novas amizades, e os pais podem relacionar-se com os educadores e profissionais da área em um ambiente relaxado e tranquilo.

Método

Antes de relatar como ocorre a formação do educador/brinquedista na Casa de Maria, far-se-á um breve relato sobre a implantação da brinquedoteca, cujo projeto foi organizado em fases.

Na primeira fase, procurou-se levantar algumas necessidades das crianças. Conforme Cunha (2000), é difícil saber exatamente quais são as potencialidades e as necessidades duma criança. Este é um mistério que precisa ser revelado por ela mesma, através de suas manifestações e de suas reações aos estímulos que a rodeiam. Entretanto, cabe aos educadores criarem oportunidades ricas em desafios que sejam adequadas às suas condições afetivas, físicas, sociais e intelectuais. Pela oportunidade de estimulação que oferece, a brinquedoteca é o lugar ideal para proporcionar tais condições.

Num segundo momento, organizaram-se os espaços (provisório) no pátio da Casa, área com aproximadamente 200 metros quadrados, de acordo com um levantamento teórico dos interesses e das necessidades das crianças, com idade entre sete a dezessete anos de idade. Neste local, há vários materiais, jogos e brin-

quedos, onde funcionam alguns cantos, tais como: o faz-de-conta, com bonecas, móveis e utensílios domésticos; o camarim, com fantasias, chapéus, bijuterias e maquiagens; o canto da leitura, com almofadas, livros e álbuns de figuras; o canto de jogos de construção, com vários tipos de materiais para construção; espaço para atividades motoras, basquete, perna-de-pau, amarelinha etc; os jogos de regras, dominó, quebra-cabeça, memória, Can-Can, Imagem e Ação, Sedução etc.

Na terceira etapa, selecionaram-se se os materiais. A seleção prévia dos materiais, brinquedos e jogos que podem proporcionar as experiências compatíveis com as necessidades da criança, facilita a interação, pois a proposta neles contida solicita à criança a realização de ações. De acordo com Cunha (1996), os adultos podem fazer uma pré-seleção colocando à disposição uma variedade de brinquedos que sejam de maior interesse para a etapa de desenvolvimento na qual a criança se encontra. Mas, a escolha tem que partir da criança, e deve ser respeitada, por mais estranha que possa parecer.

Em seguida, quarto momento, a coordenadora do Laboratório de Aprendizagem realizou quatro encontros com os funcionários da “Casa de Maria”. No primeiro encontro, foi ministrada uma palestra, a todos os funcionários, sobre os princípios teóricos e filosóficos da brinquedoteca. Entre os funcionários há quatro pedagogas, recém formadas, as quais já haviam participado de um curso, “Formação de Brinquedista”, oferecido pela Universidade Paranaense quando eram acadêmicas. Há ainda a equipe da coordenação que é constituída por duas assistentes sociais e uma pedagoga. Há também uma psicóloga; uma pessoa que trabalha com atividades artísticas; uma aluna do curso de Educação Física (bibliotecária, que passou a cuidar do funcionamento da brinquedoteca); dois instrutores (um ministra aula de informática e o outro trabalha na secretaria); um professor de canto/música; uma professora de dança; duas costureiras; duas cozinheiras e duas faxineiras. Desses funcionários, dez participam da brinquedoteca diretamente com as crianças.

Para efeitos didáticos dividir-se-á a equipe envolvida em dois grupos. O primeiro grupo é constituído por pedagogas recém formadas. O segundo grupo é formado pela pessoa que trabalha as atividades artísticas, por uma assistente social, pela acadêmica de Educação física, pelos dois instrutores e pelas costureiras.

No segundo encontro, a orientadora do “Laboratório” relatou aos dois grupos a necessidade das brincadeiras livres na infância/adolescência, a importância da brinquedoteca para as meninas e o papel dos educadores durante e após as atividades.

No encontro seguinte, a orientadora organizou atividades práticas com alguns jogos de regras, com o intuito de que os envolvidos pudessem vivenciar situações de conflito e, assim, compreender o seu papel quando as meninas/adolescentes estivessem vivenciando algum conflito através da brincadeira. Uma

funcionária (Lur, 46 anos) disse que não gostava de jogar. Mas, após a primeira partida com o jogo Can-Can (jogo de cartas), mudou de idéia e comentou que nunca tinha jogado cartas, pois a mãe dizia que este tipo de jogo trazia azar. Neste dia, os funcionários escolheram uma função na brinquedoteca, ou seja, cada um ficou responsável pela organização e auxílio às meninas em um determinado canto.

Após algumas jogadas com o Can-Can, foi discutido sobre o que o jogo promove no indivíduo. Os envolvidos puderam compreender que, nos jogos de regras, a criança precisa pensar em estratégias que as ajudem a alcançar os objetivos, a analisar as jogadas (acertos e erros) e a replanejá-las. Eles oferecem ainda a oportunidade de troca de opiniões, de confronto em situações de trapaça, de desacordo, de descentração do pensamento. Tudo isso gera conflito, provocando o raciocínio e contribuindo para o desenvolvimento da capacidade de observação, comparação, dedução, inclusive de valores como respeito e justiça.

No quarto encontro, as pessoas participaram de algumas vivências nas quais puderam resgatar parte de suas infâncias e refletir sobre as mudanças que ocorreram na sociedade implicando a criação de espaços para as crianças brincarem. Essa atividade teve duração de oito horas e foi considerada, por todos, como a mais significativa. Neste momento, ficou definido que a brinquedoteca teria um novo espaço, uma sala provisória, até que se conseguisse verbas para a construção definitiva.

Resultados

Quando a brinquedoteca foi implantada, em setembro de 2002, as meninas brincavam uma vez por semana, todas juntas (370 meninas), durante duas horas, no período matutino e no período vespertino, no pátio da instituição. Após a reflexão sobre o projeto, as meninas foram separadas em dois grupos: as menores (07 – 13 anos) e as maiores (14 – 17 anos), pois os interesses das mesmas foram considerados, pelos educadores, diferentes e, também, porque poderiam utilizar melhor o espaço das brincadeiras, conforme alegaram as próprias meninas. Segundo os educadores, o grupo das meninas menores prefere brincar de faz-de-conta e perna de pau e o grupo das meninas maiores gosta de ler, jogar basquete e sedução (jogo para ser jogado em equipe com perguntas e respostas sobre a sexualidade).

Estas mudanças foram realizadas, pelos dois grupos, com o intuito de oferecer qualidade ao trabalho desenvolvido. Desta forma, os adultos puderam atender melhor às solicitações das crianças. Segundo alguns educadores, as crianças ainda não haviam permanecido tão comportadas, solidárias e alegres em nenhuma outra atividade. Apenas uma funcionária (Lur) disse que as meninas não estavam gostando da brinquedoteca. Os demais grupos de educadores discordaram dela e disseram que a grande maioria participa bastante de todas as atividades. Porém,

precisavam de mais pessoas para ajudar na organização dos espaços antes e depois da brincadeira e que os pais poderiam auxiliar neste sentido.

A partir dessa sugestão, vinda dos educadores, a equipe promoveu um encontro com os trezentos pais. Mas, apareceram apenas cinco deles. Desses cinco, todos aprovaram o projeto de brinquedoteca e comprometeram-se a participar das atividades com as crianças, uma vez por semana, durante duas horas. Uma semana depois vieram duas mães. Acredita-se que isto aconteceu porque a grande maioria dos pais trabalha e/ou porque desconhece a importância do projeto. Isto demonstra que os pais precisam de apoio, tal qual a criança, e cabe aos educadores desenvolverem atividades que envolvam toda a família. Desta forma, é possível conseguir o apoio desejado.

Por isso, é importante investir na formação do educador de uma forma que passe a refletir sobre a sua práxis, proporcionando-lhe atividades lúdicas, a fim de que perceba como as próprias condutas e reações valorizam as atividades. Assim, poderá compreender melhor a criança/jovem/adulto e poderá contribuir para o desenvolvimento integral dos mesmos.

Mrech (1995, p.25) afirma que “... antes de lidar com a ludicidade do aluno, é preciso que o professor desenvolva a sua própria ludicidade ...”. Para isso, é necessário que as pessoas ligadas à educação estejam interessadas e motivadas a serem transformadas. Como argumenta Sá (1993), os educadores precisam fazer o que fez “Alice no País das Maravilhas”, quando, ao tomar a poção mágica, tornou-se pequena para poder se relacionar com outras criaturas, a fim de ser entendida e atendida. Alice, como mostra a autora, ao ficar pequena não perdeu sua identidade e nem os conhecimentos acumulados. Isso pode acontecer com o educador, mas, conforme Sá, ele precisa romper com os pré-conceitos e as ideologias impostas, precisa destruir e (re)construir junto com o outro, pensando, planejando, voltando atrás, falando sobre o que viu e aprendeu. “... *É um caminho em espiral, que avança e retrocede ...*” (p.17). Sá afirma ainda que é necessário um diálogo constante entre diferentes campos de conhecimentos a fim de que se possa oferecer o chão para que a caminhada aconteça.

Para aqueles que buscam o novo, a caminhada pode ser solitária e “perigosa”. Mas, conforme Alves (1995), vale a pena! Para o autor, as pessoas vivem como a “Toupeira”, dentro de túneis, enxergando somente o que estão acostumadas, sendo cegas para as coisas novas, diferentes, nunca vistas, mesmo que elas estejam bem debaixo do nariz. Contudo, o autor defende que é fácil sair de túneis que existem por fora. O difícil é sair de túneis que existem por dentro, porque ninguém os vê.

Considerando que a brinquedoteca é um espaço onde as pessoas podem escolher do que e como querem brincar, entende-se que este é o caminho ideal para haver uma transformação. Por isso, a prática de formação dos profissionais da brinquedoteca deve ser realizada como um processo e, principalmente,

na própria brinquedoteca. Nesta direção, deve-se oportunizar que os educadores voltem a brincar criando um clima de permissividade, de criatividade e de interação trabalhando com atividades livres ou dirigidas, mas em nenhuma das situações deve-se determinar padrões comportamentais.

Este autoconhecimento prepara o profissional para ter uma postura de escuta em relação à criança, melhorando assim a compreensão sobre si, facilitando a visão dos “túneis internos” e o relacionamento com a criança. Além disso,

“... A presença do adulto em uma determinada atividade de jogo com a criança provoca o surgimento do imaginário, incitando a ficção, a vontade de vencer, de dominar o adulto. Nesta interação, o medo do desconhecido se transforma no “combustível” do jogo, oportunidade de as crianças superarem suas limitações e extravasarem suas angústias profundas...” (NEGRINE)

Tal formação faz com que o adulto tome consciência de que o seu papel consiste em fazer a animação lúdica evitando, sempre que possível, interferir no processo de descoberta da criança, em participar das brincadeiras, quando solicitado, em orientar a criança/jovem através do jogo, ou mesmo em facilitar o processo de desenvolvimento e de aprendizagem sem interferência direta.

O educador precisa admitir a necessidade de brincar sem direcionamento, porém, com alternativas sugeridas pelos objetos disponíveis no espaço. Isto irá gerar uma dinâmica mais diversificada e rica dando possibilidade à criança de exercer sua autonomia.

O grupo de educadores/brinquedistas, que está sendo formado na “Casa de Maria”, o qual lida diretamente com as meninas, acredita que vem realizando um excelente trabalho. Algumas (pedagogas) já haviam recebido uma formação inicial há aproximadamente dois anos, por intermédio de um curso de vinte horas, “Formação de Brinquedista”, oferecido pela Universidade Paranaense aos alunos do 1º ano do curso de Pedagogia, no qual puderam compreender a importância das atividades lúdicas para o desenvolvimento e para a aprendizagem da criança/jovem/adulto, através de atividades práticas e teóricas.

O ponto mais importante desenvolvido no curso inicial para a formação do educador/brinquedista foi (é) o devaneio. Freud (1976) afirma que para ser educador é preciso “*estar capacitado a penetrar na alma infantil*”. Por isso, foi proposto aos alunos que realizassem uma atividade que implica a reconciliação com as suas próprias infâncias, pela memória e imaginação das brincadeiras que desenvolviam, através da dramatização e por intermédio do desenho.

Numa segunda etapa do curso inicial, os alunos puderam resgatar várias brincadeiras tradicionais, como as cantigas de roda e explorar, principal-

mente, o jogo simbólico. Este tipo de jogo favorece o desenvolvimento da fantasia, a resolução de conflitos e a definição de papéis.

Brincaram, ainda, com alguns jogos de regras, Can – Can, Imagem e Ação, Sedução. Estes jogos propiciam a troca de opiniões, o confronto em situações de trapaça e de desacordo, a correção mútua, o desenvolvimento de habilidades de pensamento e, principalmente, o raciocínio. Após cada jogada solicitava-se aos alunos que dissessem quais conceitos estavam embutidos em cada jogo. Durante esta atividade recebiam orientação sobre a maneira de explorar estas situações com a criança.

Além destas atividades, os alunos assistiram ao filme “Alice no país das maravilhas” e responderam a algumas questões. Uma delas pedia o seguinte: Identifique algumas “características” em Alice, que o brinquedista precisa ter e/ou adquirir. Os alunos, a partir das reflexões realizadas em sala, responderam: curiosidade, imaginação, criatividade, espontaneidade, humor, sensibilidade, persistência, desejo, iniciativa e sonho. Houve ainda a construção, em argila, a respeito dos personagens do filme “Alice” e a produção de texto.

As práticas citadas demonstram um pouco o trabalho que foi desenvolvido com o grupo de pessoas no período em que ainda cursavam a universidade, atuais pedagogas que trabalham na “Casa de Maria”. Hoje, a orientação desse grupo ocorre, principalmente, em situações conflitantes e de organização da brinquedoteca. Quando as crianças brincam, por exemplo, de faz-de-conta, e vivenciam o cotidiano, gravidez, drogas, violência etc, e, ainda, com relação à participação na brincadeira e na arrumação do espaço, assim que saem da brinquedoteca.

De acordo com Cunha (2000), a parceria da brinquedoteca com a sala de aula faz com que a atividade, através da qual a criança vai aprender, seja introduzida de maneira agradável, sem o medo de errar, que pode estar presente na realização de uma tarefa em sala de aula. Isto é o que revela a atividade abaixo.

Uma educadora (Son), após receber orientação de como poderia realizar intervenções com as meninas solicitou que elas escrevessem o que a brinquedoteca representava para elas. As palavras grifadas no texto correspondem àquelas que foram modificadas, a partir da reflexão realizada com as meninas sobre as atividades desenvolvidas na brinquedoteca. Depois da correção, um dos textos ficou assim:

A BRINQUEDOTECA É UM LUGAR
B OM PARA,
R IR E
I MITAR.
N ÃO
Q UEBRAR.
U SAR, SEM
E SBANJAR. POIS, O

D OM QUE TEMOS É,
O AMOR QUE ADQUIRIMOS PELO USO DOS BRINQUE-
 DOS.

T AMBÉM,
E XPRESSA O
C ORAÇÃO. MAS, O IMPORTANTE É O
A MOR PELAS PESSOAS!!! (San, 11 anos).

Neste ano, 2003, a brinquedoteca ganhou um novo espaço, provi-
 sório, até conseguir verbas para a sede própria. As meninas freqüentam este local
 uma vez por semana, durante uma hora, em pequenos grupos. Cada educador é
 responsável por uma turma (informática, dança, bordado, artesanato, costura...).
 A turma da costura, meninas de 14 – 17 anos, começaram a monitorar a brinque-
 doteca. Para tanto, recebem orientação uma vez por semana da coordenadora do
 Laboratório de Aprendizagem/brinquedoteca, juntamente com a educadora das
 mesmas. Esta idéia surgiu com o intuito de motivar, principalmente, Lur (edu-
 cadora) a descobrir o valor deste espaço para o desenvolvimento das pessoas de
 qualquer idade.

Considerações Finais

Participar do processo educativo, em qualquer instância – creche,
 escola, ludoteca/brinquedoteca – é viver um processo de crescimento, de desen-
 volvimento, de descobertas, de desafios. Isso exige o (re)pensar sobre o papel do
 educador. Ser um educador é um exercício constante de reflexão, de conscienci-
 zação, de revisão das posturas, crenças, valores e da busca de novos arsenais que
 enriqueçam a prática educativa. Para isso, é necessário que o educador/brinque-
 dista tenha em sua formação conhecimentos de psicologia, pedagogia, sociologia,
 literatura, artes... Enfim, elementos que lhe dêem uma visão de mundo e um
 conhecimento aprofundado sobre criança, brinquedo, jogo, brincadeira, escola,
 homem e sociedade. Esta formação pode ser adquirida na Universidade e/ou por
 intermédio de cursos de extensão para formação de educadores ou, ainda, através
 da formação em serviço, como demonstrado acima.

A partir do que foi desenvolvido, até o momento, na “Casa de
 Maria”, é possível dizer-se que a formação dos educadores/brinquedistas é um
 processo longo e complexo, pois eles precisam (re)aprender a brincar/jogar, ini-
 cialmente, com acompanhamento de profissionais especializados. Dessa forma,
 poderão (re)ver os seus dogmas, as suas resistências e as suas práticas. Assim,
 têm condições de contribuir para mudanças significativas em qualquer contexto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. **A Toupeira que queria ver o cometa**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1995.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BARBATO CARNEIRO, M. A. Aprendendo através da brincadeira. **Revista Ande da Associação Nacional de Educação**, n.21, p.27-31, 1995.
- BRENELLI, R. P. **O jogo como espaço para pensar**: a construção de noções lógicas e aritméticas. Campinas: Papyrus, 1996.
- CARCELEN, C. et al. **La guambrateca**: recrear y vivir. Quito: Imprenta Mariscal, 1992.
- CUNHA, N. H. S. **Brinquedoteca**: um mergulho no brincar. São Paulo: Maltese, 1994.
- FRIEDMANN, A. **A arte de brincar**. São Paulo: Scritta, 1995.
- FRIEDMANN, A. et al. **O direito de brincar**. a brinquedoteca. São Paulo: Scritta Editorial, 1996.
- FREUD, S. **Totem e tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 13.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU., 1986.
- MACEDO, L. de (Org.). **Aprender com jogos e situações problemas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- MAGNANI, E. **O brincar na pré-escola**: um caso sério? Campinas, 1998. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, 1998.
- MRECH, L. M. O uso de brinquedos e jogos na intervenção psicopedagógica de crianças com necessidades especiais. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 14, n. 33, p. 20-29, 1995.
- NEGRINE, A. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil**: perspectivas psicopedagógicas. Porto Alegre: Prodil, 1994, v. 1.
- NOFFS, N. A. A brinquedoteca e a psicopedagogia institucional. **Revista Psicopedagogia**, *EDUCERE – Revista da Educação*, p. 83-95, vol. 3, n.2, jul./dez., 2003

São Paulo, v. 16, n. 41, p. 16-19, 1997.

PENTEADO, H. D. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

PERRET, C.; NELLY, A. **A construção da inteligência pelo social**. Lisboa: Sodicultur, 1978.

PETTY, A. L. S. **Ensaio sobre o valor pedagógico de jogos de regras: uma perspectiva construtivista**. São Paulo, 1995. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de São Paulo, 1995.

SA MOURÃO, M. S. M. A formação do educador para a pré-escola: a chave do tamanho. **Revista Criança**, Brasília, v. 25, p. 15-17, 1993.

SALTINI, C. J. P. Cognição e afetividade: o desejo de saber. **Revista de Psicopedagogia**, São Paulo, v. 16, n. 40, 1997.

SOUZA, C. C. Os jogos de regras e sua utilização pelo professor. **Revista de Educação AEC**, v. 23, n. 90, jan./mar., 1994.

Data do recebimento: 06/10/2003

Data do aceite: 28/11/2003